

ENTRE DENTRO DESTA RODA

Org. Maria José Nóbrega
e Rosane Pamplona



Resenha

Este não é um livro qualquer: é um livro não para ser lido, mas para ser escutado, cantado e brincado. Sim, porque não se trata de uma obra que se completa na leitura silenciosa ou em voz alta: é preciso cantar os versos, mover o corpo e topar a brincadeira.

Ele se torna muito mais vivo quando escutamos as versões singelas e cuidadosas em voz e violão, produzidas especialmente para o livro e apresentadas em uma *playlist* disponibilizada através de um QR code que se encontra no texto introdutório. Além disso, há também um material complementar em PDF com instruções para as brincadeiras, oferecendo orientações para que leitores e leitoras possam se envolver ainda mais com as cantigas do livro.

Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona assumem aqui o papel de organizadoras: nos presenteiam com uma seleção de canções anônimas, que costumavam ser passadas de geração em geração, e que formam parte do cancioneiro popular da tradição brasileira. Dessa forma, o livro faz uso do entrelaçamento híbrido de linguagens que as tecnologias contemporâneas podem oferecer, para passar adiante o convite feito por canções que antigamente costumavam ser passadas oralmente, mas que nos tempos atuais, marcados por jornadas de trabalho exaustivas e influxo excessivo de informação e ruído, é preciso fazer algum esforço para desacelerar e voltar a cantar e dançar junto.



Coordenação:
Maria José Nóbrega



O título do livro, *Entre dentro desta roda*, pode ser lido nessa chave: em primeiro lugar, ecoa um dos versos de uma conhecida “Ciranda, cirandinha”. Transformado em título, o verso diz respeito também à configuração dos corpos no espaço, característica de muitas dessas cantigas, feitas para serem cantadas numa organização circular, em que os participantes passam algum tempo de pé, de mãos dadas, movendo os passos em uníssono para fazer a roda girar. Em terceiro lugar, o título faz um convite para que o leitor adentre a temporalidade de transmissão dessas cantigas, a temporalidade não linear, circular (ou espiralada?) das tradições populares.

As organizadoras propõem uma classificação para as cantigas do livro, a partir do tipo de jogo estabelecido pelo convite feito por cada uma dessas canções:

- I. Cantigas de encadear e de nunca-acabar;
- II. Cantigas de brincar;
- III. Cantigas de brincar com as palavras;
- IV. Cantigas de brincar de roda;
- V. Cantigas de brincar de roda e de recitar versos.

Por vezes, a brincadeira está na repetição, que pode ser acumulativa e nos lembra que cantar pode ser um modo de entender o tempo; por vezes, como em “Passa, passa, gavião”, a brincadeira está em como a música propõe movimento para

os corpos; outras vezes ainda, o jogo proposto pelas canções nos faz adentrar o universo da sonoridade das palavras, ou do silêncio entre elas – uma estrofe inteira pode ser dominada por uma única vogal, por exemplo, ou os intervalos entre as palavras podem se tornar cada vez maiores; às vezes, uma canção pode propor um modo rítmico de contar uma história, e, por fim, as canções podem nos convidar a fazer poesia, ou a recitar versos que memorizamos.

As cantigas infantis, como as canções de trabalho, nos lembram de um mundo que já foi menos dominado por máquinas e que já foi mais musical, e nos convidam a relembrar o que pode ser cantar e nos mover com os pequeninos.

Depoimento

De Manoela Pamplona,
Mãe do Ipê, de 8 anos, e do Teo, de 6 anos, madrinha da Lia, de 7 anos, além de outros pequenos brincantes.

Minha afilhada, Lia, veio passar o fim de semana em casa. Quando esse trio se junta, é brincadeira até... começarem as brigas. E junto com as brigas, o chamado pela mãe justiciera, que deve ouvir cada versão da história e dar o veredito de quem está com a razão.

– Eu não vou me meter! – me esquivei. – Mas tenho uma proposta! Vamos ler um livro juntos, depois a gente resolve esse problema.

As crianças iniciaram a leitura ainda desconfiadas, mas já o sumário as entreteve com sua simpática ilustração: pessoas de vários tipos e cores brincando juntas e, no meio delas, pessoa-passarinho, pessoa-jacaré...

– Jacaré, Teo? Onde? – eu quis saber.

– Aqui!

Mas Ipê discordou:

– Isso é uma pessoa-cavalo.

– Ué, mas o cavalo não é esse? – questionou a Lia.

– Esse deve ser um burrinho – sugeriu Teo.

– Eu acho que esse não é nem jacaré, nem cavalo, é um lobo! – Lia deu sua opinião.

“Pronto, a briga vai recomeçar”, pensei. Mas para meu espanto e alívio, Ipê concluiu:

– Isso que é bom desse tipo de desenho: cada um pode ter a sua versão.

A conclusão foi satisfatória para todos e, então, depois de olhar cada detalhe e ouvir cada uma

das “versões” sobre cada figura, continuamos a leitura.

Colocamos a *playlist* para tocar e acompanhamos as canções lendo a letra no livro e, claro, nos divertindo com as ilustrações. No começo, a cada música fazíamos uma pausa, pois as crianças queriam fazer muitos comentários sobre suas “versões” das ilustrações. O auge foi quando a personagem de uma música interagiu com a ilustração da música seguinte. Os três caíram na gargalhada! E eu caí junto.

As cantigas eram da minha infância, reconheci quase todas. Quando estávamos no capítulo “Cantigas de brincar”, eu propus: sabem como se brinca com essa? Vamos brincar?

Começamos a brincar “Bate o monjolo” ali mesmo, sentados no sofá. A próxima, eu também sabia, então, do sofá passamos para o chão e brincamos novamente.

– Xiiii.... essa eu não sei como brinca – confessei na terceira música.

– A gente inventa um jeito – sugeriram as crianças, que já tinham pegado gosto pelas brincadeiras.





Inventamos. Brincamos. E, na seguinte, levantamos do chão, dividimos as personagens da cantiga, quem ia fazer o quê e lá fomos nós!

Quando acabou “Passa, passa três vez”, eles quiseram ouvir e brincar de novo e de novo... e quando cansou, pediram:

– Vamos ver qual é a próxima!

E agora eles queriam ouvir cada cantiga muitas vezes.

– Se quiserem podemos guardar algumas pra brincar amanhã – avisei.

Mas não. Eles estavam ávidos por brincar e aprender todas as músicas.

Em “Fernando Sétimo” e “O sapo não lava o pé”, das “Cantigas de brincar com as palavras”, cada um ficou responsável por cantar com uma vogal. Rimos muito vendo a cara que cada um fazia. Já “O meu chapéu tem três pontas” exigiu muita concentração.

Dançamos todas as “Cantigas de brincar de roda” e só no último capítulo, já cansados, sentamos novamente.

O último capítulo, “Cantigas de brincar de roda e de recitar versos”, lemos no sofá e parávamos a música para cada um criar seu versinho.

O Teo fez um assim:

“O Ipê é muito lindo,
ele é muito fofo,
ele é muito legal,
e também é cheirosinho.”

E o Ipê respondeu:

“O Teo sabe fazer rima,
ele também é legal,
mas às vezes ele é bravo
e daí me trata mal.”

Na vez da Lia, que é “da pá virada”, ela trouxe para a brincadeira palavras um pouco mais escatológicas e, é claro, os meninos, aos risos, aderiram.

“O Ipê soltou um pum,
O Teo também vai soltar...” e por aí foi.

Foi só depois de ler o livro todo é que vi que no QR code tinha a explicação de como brincar com as cantigas.

– Mas agora está tarde – fui logo avisando. – Outro dia a gente vê como brinca, se era mesmo do jeito que a gente fez.

– Mãe, eu conhecia algumas músicas de um jeito um pouquinho diferente. Talvez o jeito de brincar deles também seja um pouquinho diferente – disse o Ipê, dando ênfase à importância de voltarmos a isso.

– E o que você achou dessas versões, filho? – perguntei.

– Eu gostei! – Lia entrou na conversa.

– Eu adorei – Teo não quis ficar de fora.

– Eu achei boas, algumas eu gosto mais do jeito que eu conhecia, mas a maioria eu preferi as do livro. Na verdade, depende da ocasião.

Secretamente, pensei que essa seria minha próxima resposta ao chamado para resolver as brigas: “essa versão ou aquela versão, é questão de ocasião”.

Assim terminamos a tarde. Pois é, a tarde havia passado nessa extensa brincadeira, provando que não é à toa que essas cantigas populares resistem ao tempo.

No dia seguinte, quando acordamos, a primeira coisa que o Teo disse foi:

– Mãe, o QR code! Temos que ver as brincadeiras...
E lá se foi mais uma deliciosa manhã.

E, no outro dia, os meninos foram entusiasmados para a escola, ansiosos para provocar os amigos com a infinita música do “Barquinho pequenino”.

Enfim, esse livro rendeu muitas memórias boas, muita diversão enquanto líamos e vai ainda render muita brincadeira.



Um pouco sobre as organizadoras

Maria José Nóbrega nasceu em outubro de 1952, na Casa Verde, em São Paulo, onde sua infância foi marcada pelas brincadeiras em um terreno baldio – um verdadeiro paraíso para a criançada. Essas lembranças ficaram guardadas no fundo de sua alma, desabrochando quando os filhos nasceram. Ao ensiná-los, muitas vezes faltava a ela um trecho de uma cantiga ou brincadeira, e assim começou a resgatar, peça por peça, o rico acervo do cancioneiro popular: parlendas, adivinhas, trovas e, claro, cantigas de roda. Como professora, descobriu o poder das cantigas para ensinar crianças a ler e escrever. Elas entram no mundo da escrita de mãos dadas com a tradição oral, em um convite que une som, movimento e encantamento. Pela Moderna, é autora de materiais didáticos e organizadora dos livros *Diga um verso bem bonito!*, *Enrosca ou desenrosca?* e *Salada, saladinha*, todos em parceria com Rosane Pamplona.

Rosane Pamplona nasceu na cidade grande, mas numa época em que ainda se brincava com liberdade na rua. As brincadeiras preferidas eram, para a sua felicidade, quase sempre acompanhadas de cantigas. Foi ainda mais afortunada: passava as férias numa fazenda de café, onde havia muitos funcionários, todos eles com muitos filhos. Em julho, férias, era a colheita. Enquanto os





pais colhiam café, as crianças, incluindo Rosane, formavam grandes rodas e se divertiam cantando e brincando.

Ainda leva no coração aquelas melodias e frases tão singelas que marcaram seu percurso de vida. Não à toa formou-se em Letras: o amor pelas palavras nasceu ali, na infância, e perdurou para sempre. Para Rosane, fazer este livro foi reviver aqueles momentos cheios de liberdade, alegria e encantamento. Pela Moderna, é autora de *Almanaque dos astros*, *Almanaque pé-de-planta*, *Almanaque bichos do Brasil*, *Era uma vez... três!* e *Contos de outrora para jovens de agora*, além de ser organizadora dos livros *Diga um verso bem bonito!*, *Enrosca ou desenrosca?* e *Salada, saladinha*, todos em parceria com Maria José Nóbrega.

Leia Mais...

Das mesmas autoras

- ✖ *Salada, Saladinha*: Parlendas (org.). São Paulo: Moderna.
- ✖ *Enrosca ou desenrosca? Adivinhas, trava-línguas e outras enroscadas* (org.). São Paulo: Moderna.
- ✖ *Diga um verso bem bonito* (org.). São Paulo: Moderna.
- ✖ *Era uma vez... três! Histórias de enrolar*, de Rosane Pamplona. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Contos de outrora para jovens de agora*, de Rosane Pamplona. São Paulo: Moderna.

- ✖ *De roda em roda: Brincando e cantando o Brasil*, de Teca Alencar de Brito. São Paulo: Peirópolis.
- ✖ *Cantigas para brincar*, de Josca Ailine Baroukh e Lucila Silva de Almeida. São Paulo: Panda Books.
- ✖ *Cantigas, adivinhas e outros versos – v. 1*, de Helo Magri, Ivana Angeli, Karina Rizek, Ana Paula Ferreira e Ana Claudia Rocha. São Paulo: Melhoramentos.
- ✖ *Cantigas, adivinhas e outros versos – v. 2*, de Helo Magri, Ivana Angeli, Karina Rizek, Ana Paula Ferreira e Ana Claudia Rocha. São Paulo: Melhoramentos.
- ✖ *Quem canta seus males espanta: cantigas infantis*, de Theodora Maria Mendes de Almeida. São Paulo: Caramelo.